

A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: COMO CONTRUIR UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA EM TEMPOS REGIDOS PELO CAPITAL?

Aline de Carvalho Moura

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Programa de Pós-Graduação em Educação – PROPED
Educação e Movimentos Populares

A discussão abordada neste trabalho faz parte de um recorte do tema proposto para minha dissertação de Mestrado, cujas reflexões caminham na direção de pensar a questão da produtividade e dos valores mercantis imposto pela sociedade capitalista através do que vem sendo produzido nas universidades, ou seja, pauta-se sobre as produções acadêmicas na sociedade contemporânea. .

A forma como as instituições educacionais estão organizadas, nos remete a pensar a forma como a sociedade contemporânea se organiza e se reorganiza, uma vez que pensar hoje, em negar que os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução da ordem do capital estão intimamente ligados, seria no mínimo um equívoco. A educação que poderia ser alicerce importante para uma mudança econômico-sócio-política, tornou-se um instrumento de apoio dos estigmas da sociedade capitalista, estabelecendo um consenso que favorece a perpetuação do sistema dominante.

A lógica do sistema capitalista remete a educação ao *status* de mercadoria, que abraça a falsa idéia de que todos são iguais diante da lei, restabelecendo os vínculos entre educação e trabalho. Uma reformulação significativa da educação parece impossível sem a correspondente transformação do quadro social onde essa educação se estabelece, pois os parâmetros de controle da sociedade contemporânea, não permitem que a educação caminhe verdadeiramente para além das necessidades do capital.

Não há como separar a batalha pedagógica da batalha econômica, política e social, pois toda situação econômica, política e social determina sensivelmente a educação. É nesse contexto de discussão que podemos analisar a posição de Mészáros (2005), quando afirma em seu livro *A Educação para além do capital*, que educar é: “citando Gramsci, colocar fim à separação entre *Homo faber* e *Homo sapiens*; é resgatar o sentido estruturante da educação e de sua relação com o trabalho, as suas possibilidades criativas e emancipatórias” (p. 9). Logo, deve-se pensar na possibilidade de se construir uma educação democrática na contemporaneidade, se é que realmente isso seja possível

dentro da ordem alienante do capital, uma vez que os processos educativos trabalham sob um ponto de vista hegemônico, aonde a noção de competências vem assumindo um papel central na esfera educativa, os mesmo tempo em que coloca o conhecimento em um segundo plano.

Cabe a educação dentro da ótica do capital e das demandas da sociedade, redefinir seus conteúdos, conferindo-lhes um sentido voltado para o mundo do trabalho. E nesse contexto, a importância do conhecimento acaba por ter uma conotação utilitária, onde o que realmente importa é o “saber fazer”, onde uma perspectiva histórica do conhecimento é substituída pela perspectiva da experiência.

Para alcançar o objetivo deste trabalho, que visa analisar a forma como a educação se manifesta na contemporaneidade, irei fundamentar minhas discussões recorrendo a alguns autores do campo do marxismo que discutem a educação, a sociedade capitalista, e algumas questões relacionadas a esses temas. São eles: István Mészáros, Antonio Gramsci, George Lukács, Ricardo Antunes, Newton Duarte, dentre outros; além de trazer para esse trabalho algumas bases categóricas de Karl Marx.

Palavras-chave: Educação, sociedade, contemporaneidade e capital.

Referência Bibliográfica:

MÉSZÁROS, I. A educação para além do capital. 1930; tradução de Isa Tavares – SP. Boitempo, 2005.

Na sistemática contemporânea, a condição de prática na educação propõe conhecimento como produção. Em princípio, se desenvolve pela percepção de uma realidade, onde esse conhecimento produzido é resultado de uma necessidade e sua utilidade. Isto é, a relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto a ser conhecido é referenciada não só pelo desejo de conhecer, pela urgência em resolver uma questão, bem como pela utilidade que o resultado alcançado nesse processo ocasionará.

Grandes mudanças cercaram e ainda cercam a sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito as suas configurações de âmbito econômico-sócio-político. Muitos são os pontos a serem superados quando se trata de compreender o tempo e o espaço em que se articulam às necessidades de acomodação dessa sociedade.

Segundo Eric Hobsbawn (1996), na década de 1860, uma nova palavra passa a fazer parte do vocabulário econômico e político do mundo: “capitalismo”. A partir desse momento da história, passa a configurar-se um novo modelo de sociedade, que traz consigo uma série de transformações que, em um primeiro momento, pode ser vista como um *grande avanço* da sociedade.

O modo capitalista de produção, segundo Octavio Ianni (1996), acaba por influenciar, tencionar, modificar, e muitas vezes recriar outros processos e outras formas de produção com os quais tem contato, determinando de forma às vezes moderada ou às vezes até radical a sociedade. Essas determinações implementadas, impostas ou até mesmo fixadas pelo capitalismo, exercem influências criando múltiplas articulações para manter seus interesses como sistema.

A partir de um capitalismo que Hobsbawn (1996) aponta como um maciço avanço da economia do capitalismo industrial em escala mundial, penso que essa idéia traz uma ordem não só econômica, mas também social, que abarca novas idéias, credos e concepções de mundo que servem, dentro do sistema capitalista, para legitimar e ratificar os interesses da ordem manipuladora e alienante do capital. Para István Mészáros (2009), “capital é uma categoria histórica dinâmica e a força social a ela correspondente aparece – na forma de capital “monetário”, “mercantil” etc. – vários séculos antes de a formação social do capitalismo enquanto tal emergir e se consolidar” (p. 76).

Pensando o desenvolvimento e a manutenção do modo de produção capitalista, Octavio Ianni (1996) nos mostra que o capitalismo como modo de produção pode ser visto como um todo complexo e contraditório, cuja história e trajetória são extremamente dinâmicas, uma vez que se apresenta como um processo de amplas

proporções que cria e recria as forças produtivas e as relações de produção, produzindo e reproduzindo o desenvolvimento desigual em escala nacional, regional e mundial, pois está constantemente ultrapassando fronteiras.

Quando o sistema social mundial se põe em movimento e se moderniza, o mundo passa a ser comparado a uma “Aldeia Global”, expressão essa que segundo Octavio Ianni (1996) “é bem uma expressão da globalidade das idéias, padrões e valores sócio-culturais, imaginários. Pode ser vista como uma teoria da cultura mundial, entendida como cultura de massa, mercado de bens culturais universo de signos e símbolos, linguagens e significados que povoam o modo pelo qual uns e outros situam – se no mundo, ou pensam, imaginam, sentem e agem.” (p.93).

É dentro desse contexto globalizado, que a sociedade adéqua-se constantemente na tentativa de suprir as necessidades e demandas do capital. E é dentro desse processo de adequação que se insere a educação, uma vez que esta tem um papel dentro da sociedade contemporânea de suma importância, pois segundo Mészáros (2006), as relações sociais de produção reificada sob o capitalismo não se perpetuam automaticamente, uma vez que só o fazem porque os indivíduos interiorizam as pressões externas, adotando perspectivas gerais da sociedade.

Neste contexto, o ideal educacional surge como um simples meio para um fim maior, que seria a manutenção dos pressupostos do capital, onde o homem torna-se apenas mais um indivíduo isolado no mundo capitalista. A educação formal está profundamente integrada na totalidade dos processos sociais. Em seu livro “*A teoria da alienação em Marx*” (2006), Mészáros faz a seguinte colocação: “A educação tem duas funções principais numa sociedade capitalista: (1) a produção das qualificações necessárias ao funcionamento da economia, e (2) a formação dos quadros e a elaboração dos métodos de controle político” (p.275).

Ainda no contexto das funções da educação, Gramsci (1972), nos aponta que no mundo moderno, a categoria dos intelectuais “foi excepcionalmente alargada. Eles foram produzidos em números imponentes pelo *sistema social burocrático-democrático*, muito além do que é justificado pelas necessidades sociais da *produção*, embora em dimensões justificadas pelas *necessidades políticas* da classe dominante fundamental” (p.125).

Pensando o papel da educação como reprodutora da situação dominante e mantenedora das relações desiguais que se vinculam ao capital, deve-se pensar também a forma como as instituições voltadas para esse processo de reprodução se estabelecem.

Deve-se, por exemplo, se questionar a própria estrutura das instituições educacionais, da educação como um todo e as relações de autoridade e de classe que lhes são intrínsecas.

Em poucas palavras: a escola, esse espaço privilegiado e acolhedor, que até então era visto como a melhor área para um feliz encontro entre letrados de boa vontade e jovens sadios e sedentos de saber, uns e outros preocupados com o advento de uma sociedade justa passou a ser visto como uma máquina infernal a serviço do status quo. (PRADO JR., 1985, p. 104).

O texto de Bento Prado identifica a crise da sociedade e conseqüentemente a crise na educação e pergunta qual o possível sentido da educação, qual o lugar social da escola. No livro “*A reprodução*”, de Bourdieu e Passeron, é um exemplo do processo de “desconstrução da representação das instituições pedagógicas”, pois desvenda que o ensino funcionaria como chancela de diferenças culturais e lingüísticas estabelecidas pelas diferenças econômicas e, portanto, antes do ingresso a escola. Alerta-se com essa crítica a consciência social da escola e a defesa da generalização da escola burguesa para todos e seu privilégio na produção e difusão do saber (VALDEMARIN, 2008).

Este trabalho é apresentado com o objetivo de pensar criticamente a posição da educação na ordem alienante do capital, onde o processo educativo limita-se às imposições do sistema, mascarando a verdadeira face das instituições educacionais na sociedade contemporânea. Para alcançar este objetivo, foi feito um levantamento teórico pautado em uma epistemologia marxista, fazendo uma reflexão filosófico-ontológica que pense a educação como uma grande fábrica de “instrumentos” importantes para a sobrevivência e manutenção da sociedade capitalista, injusta, desigual e excludente, onde a ideologia dominante estabelece com vigor seu poder reprodutor.

Este trabalho é proposto com o intuito de indagar e refletir sobre o processo de reprodução da sociedade, pensando em um caminho para uma compreensão realmente crítica da educação, onde esta possa tentar estabelecer uma posição verdadeiramente democrática. Contudo, não há de se perder de vista a forma como essa educação se estabelece e por isso, fica marcada a questão: como construir uma educação democrática em tempos regidos pelo capital?

Se esta pergunta tem uma resposta positiva, penso que não, uma vez que frente ao cenário em que a educação se estrutura enquanto aparelho ideológico, esta tem papel de suma importância, dentro da sociedade, uma vez que mantém os pressupostos do capital. A natureza da educação na sociedade capitalista está intimamente vinculada ao destino do trabalho. Trabalho este, que faz crescer as disparidades entre quem compra e quem vende a força de trabalho, fazendo com que a expressão “classe - que - vive - do - trabalho”, que é utilizada no livro *Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho* de Ricardo Antunes (1999), tenha cada vez mais validade contemporânea. Essa expressão tem sua base no conceito marxiano de “classe trabalhadora” (MARX, 2000), expressão esta que inclui totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores produtivos. Esta expressão também não se restringe, portanto, ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho assalariado. Para reiterar essa idéia, Lukács aponta que

Somente o trabalho tem em sua natureza ontológica um caráter claramente transitório. Ele é em sua natureza uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto com a natureza inorgânica (...) quanto com a orgânica, inter-relação (...) que se caracteriza acima de tudo pela passagem do homem que trabalha, partindo do ser puramente biológico ao ser social (...). Todas as determinações que conforme veremos estão presentes na essência do que é novo no ser social estão contidas in nuce no trabalho. O trabalho, portanto, pode ser visto como um fenômeno originário, como modelo, protoforma do ser social (...) (LUKÁCS, 2003, sem página).

É dentro desse processo de formação para o mundo do trabalho, onde o econômico, o político e o social se estabelecem, que a educação se coloca como reprodutora da sociedade. Fazendo uma análise sobre a questão da reprodução da sociedade pelas instituições educacionais, pode-se pensar que toda sociedade necessita de um sistema próprio de educação, sistema esse que de alguma forma, dentro de um consenso alienante de formulações, reproduz em escalas sempre ampliadas às atividades

produtivas que cercam o complexo sistema educacional da sociedade, que além destas formulações e reformulações, produz e reproduz valores nos quais os indivíduos “definem” seus próprios objetivos.

Dentro desse cenário, fica complicado pensar uma educação verdadeiramente democrática, pois uma reformulação significativa da educação parece impossível sem a correspondente transformação do quadro econômico, político e social onde essa educação se estabelece. A sociedade capitalista organiza e reorganiza a educação segundo critérios de seus interesses enquanto situação política e econômica dominante. Seus parâmetros de controle não permitem que a educação caminhe verdadeiramente para além das necessidades do capital.

Chego às considerações finais deste trabalho fazendo uso de um trecho utilizado por Mészáros que penso apresentar uma clareza muito grande na relação entre educação e os processos de reprodução da sociedade contemporânea, nos fazendo refletir a forma como a educação está subordinada a ordem do capital. Apresentando que as ações realizadas dentro do processo educativo têm relações diretas com os objetivos da sociedade capitalista.

“[...] diga-me onde está o trabalho em um tipo de sociedade e eu te direi onde está a educação.” (MÉSZÁROS, 2005, p.17)

Referências Bibliográficas:

- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BOURDIEU, P. e PASSERON, J. **A reprodução – elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa, Editorial Veja, 1978.
- GRAMSCI, A. **A formação dos intelectuais**. São Paulo: Coleção 70, 1972.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira, 1989.
- HOBBSAWM, E. **A era do capital, 1848 - 1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- IANNI, O. **Teorias da globalização**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- LUCKÁS, G. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 198p.
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005
- MÉSZÁEROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MÉSZAROS, I. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- PRADO JR. B. **A educação depois de 1968, ou em cem anos de ilusão**. In: Alguns ensaios. SP: Max Limonard, 1985.
- VALDEMARIN, V. **As vicissitudes da cultura escolar e os seus desafios filosófico-educacionais na contemporaneidade**. Revista Educação e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, v.5, n.9, extra – 2008. ISSN 18072194.